

‘Não conheço o sabor **DO UÍSQUE**

Chega ao treino ao bater das oito, não bebe nem fuma, não come carne, não faz férias com a família, e só tem uma ambição: chegar sempre antes dos outros. É Jorge Jesus, o técnico do Benfica

Textos de PAULA CARDOSO Fotografias de ANTÓNIO PEDRO SANTOS



Dá uns toques de inglês: «*Very good Matic, very good*». Com uns passes de espanhol, distribui jogo: «*Los dos. Juntos. Los dos*». Mas é no mais puro vernáculo português que remata estratégias: «*Olha a bola a descoberto. Cobre. Vai. Entra à pressão. Dá duas biqueiradas. Toma a decisão. Faz a leitura. Dois contra um, não. É contra três. Avança. Não dribla. Dá a bola. Segura. Joga à queima. Segue. Não pára*». Aos gritos, com a voz projectada sobre um dos relvados do Centro de Estádio do Benfica, no Seixal, Jorge Jesus não desarma nem um milímetro da sua visão de jogo. «*Aí é do Cardozo*», atira o treinador, segundos antes de voltar a apontar com um enérgico bracejar: «*Aí é que já não é*». À distância de uma das linhas laterais, e com um aglomerado de mais de 20 jogadores no horizonte, esse ser-ou-não-ser ali o espaço de Cardozo encosta as atenções da reportagem ao lado direito do campo. Mas, da mesma forma que o pedaço de terreno reservado ao avançado paraguaio baralhou os movimentos do plantel, também acaba por escapar ao nosso golpe de vista.

Habitado a estes desalinhos de visão, Jesus acerta os passes sem maiores dificuldades: «*O treinador tem de ter capacidade de ver coisas que mais ninguém vê*», explicava ao *SOL* o técnico do Benfica no último sábado, numa visita guiada pelo seu núcleo de acção no Seixal.

É aqui, numa sessão de treinos aberta apenas à observação da nossa equipa de reportagem – a escassos quatro dias de os encarnados começarem a disputar a terceira pré-eliminatória da Liga dos Campeões –, que o engenho ocular do místico se apresenta como um dos traços mais firmes do seu carácter técnico.

«*Comparo muito o treinador a um pintor*», atira este orgulhoso filho da Amadora, de descrição virada para a cobertura televisiva de uma exposição da artista Paula Rego. «*Lembro-me de uma coisa que me chamou a atenção: o facto de uma personagem [das obras] chamar-se Maria Elisa, que era o nome da minha mãe. A Paula Rego estava*

a dizer à pessoa que a entrevistava que Maria Elisa estava a chorar. Mas essa pessoa dizia que não via. Ou seja, o criador via que a Maria Elisa estava a chorar, e outros não conseguem».

A ideia, abreviada na convicção de que o místico é, antes de mais, «*um criador*», inspira a rotina de treinos de Jorge Jesus desde 1990, o ano da sua estreia como treinador na altura à frente dos destinos do Amora.

Com o relógio profissional ajustado ao amnhecer dos dias, o Mercedes azul-escuro que conduz desde a sua morada, na Charneca de Caparica, até aos treinos,

no Seixal, atravessa a cancela do Centro de Estádio poucos minutos depois das 8h.

«*Bom dia místico! Então? Já temos equipa a trabalhar como uma máquina? Jesus ainda não estacionou, mas a abordagem de um funcionário que com ele se cr*

«Dedico muitas horas ao futebol e **DEPOIS VOU PARA CASA.** Sou um bicho-do-mato»

1. O carro chega ao Centro de Estágio do Seixal
- 2 e 3. A preparação do treino, antes da chegada dos jogadores
4. Em conversa com o médico da equipa

«O treinador tem de ver coisas que **MAIS NINGUÉM VÊ»**»

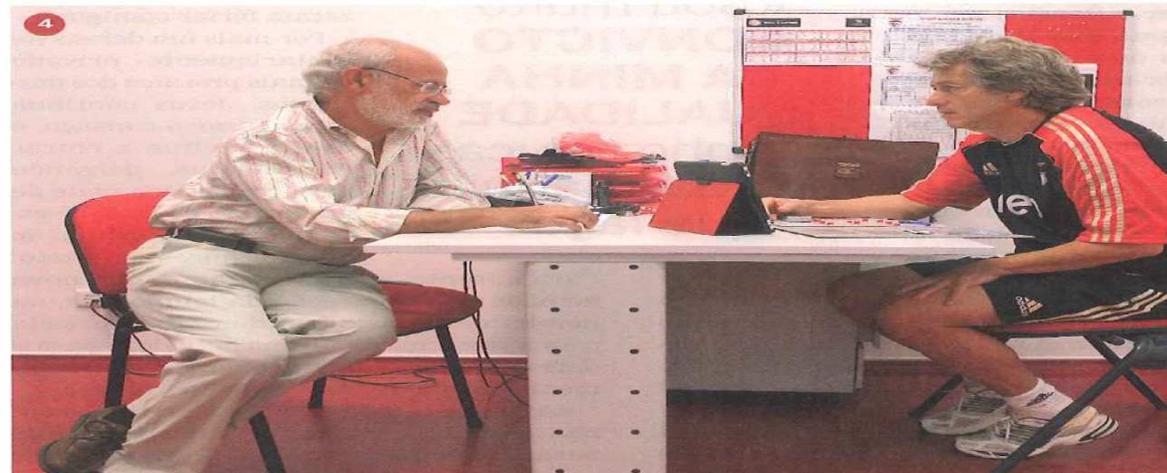
za à entrada do Campus não fica sem um sorriso de resposta.

«Faz parte da condição de treinador do Benfica entregar-me à massa associativa», contemporiza o técnico, desde a primeira época na Luz familiarizado com o assédio, dentro e fora do clube.

«Não me custa nada parar um bocado, ouvir, estar ali e dar uma palavrinha. Estar nesta casa implica ter essa disponibilidade».

Apesar de um ligeiro ajuste mediático, o técnico garante que não alterou muito a ginástica dos dias: «Sempre fui de passar horas no clube que represento, seja ele qual for, e depois fico em casa com a família. Por isso não senti necessidade de fazer grandes mudanças. Continuo a dedicar muitas horas do meu dia ao futebol e a preservar o meu mundo. Sou o que se costuma chamar de bicho-do-mato».

Na vida desportiva, Jorge Jesus apresenta-se como um profissional obstinado, habituado a prescindir das férias «para andar à frente». Que é como quem diz, para rumar ao estrangeiro e observar jogadores, ou, no caso da transferência para a Luz, para desenvolver habilidades de comunicação. →





5, 6, 7 e 8. Durante o treino, Jesus chama constantemente os jogadores pelo nome próprio

«Tive de perceber que treinar o Benfica não é o mesmo que treinar o Braga ou o Belenenses em termos de exigências comunicativas, e da pressão que os jornais colocam sobre o clube. Por isso, quando cheguei aproveitei as férias para fazer um curso de comunicação e aprender a lidar melhor com os jornalistas».

Pela terceira época no comando técnico dos encarnados, onde conquistou um título de campeão e duas Taças da Liga, Jesus voltou a retomar a rotina de treinos no Centro de Estádio do Seixal com as velhas 'dívidas' do passado.

«A minha família é a mais prejudicada com esta vida. Sou treinador há 21 anos e

«Sou muito
**CONVICTO
DA MINHA
QUALIDADE**
e tenho poucas
dúvidas daquilo
que faço»

em 21 anos só uma vez fizeram férias comigo».

Por mais um defeso voluntariamente privado do mais prosaico dos descansos, Jesus continua sem acusar o cansaço: é dos primeiros a entrar no Campus, deixando para trás pouco mais de um quarto de hora de estrada e uma média de quatro horas de sono.

Para a frente, projecta sempre uma nova jornada de preparação da temporada, na manhã de reportagem do *SOL* reforçada com a presença da última aquisição para a defesa – o espanhol Capdevila, especialmente visado na recta final do treino.

«Agora é o Vila sozinho». Javi García não percebe à primeira, atrasa o passo para o balneário, até que Jesus insiste.

«Não és tu, Javi. É o Vila. A gente já v tratar dele».

O prazer da corrida

Por «gente» leia-se a equipa técnica, e pe «tratar dele», Capdevila, entenda-se um corrida ao lado do treinador Jesus.

«Gosto de fazer os meus 30 minutinhos de corrida depois dos treinos», conta, já com o fôlego recuperado de mais uma maratona.

Do outro lado, agora fora do relvado, plantel adianta-se no ritual que dali a um bocado também o místico se prepara para cumprir: o banho no balneário, território vedado a intromissões externas.

«Ali não há hipótese. Não podem entrar nem para fazer uma fotografia». As regras, lembradas por um dos responsáveis de comunicação do clube, encaminham-nos para um dos espaços de lazer reservados à equipa. Neste ponto da reportagem repousada na comodidade de uma sala



Dorme quatro horas por noite **E REÚNE COM A EQUIPA TÉCNICA** antes do treino

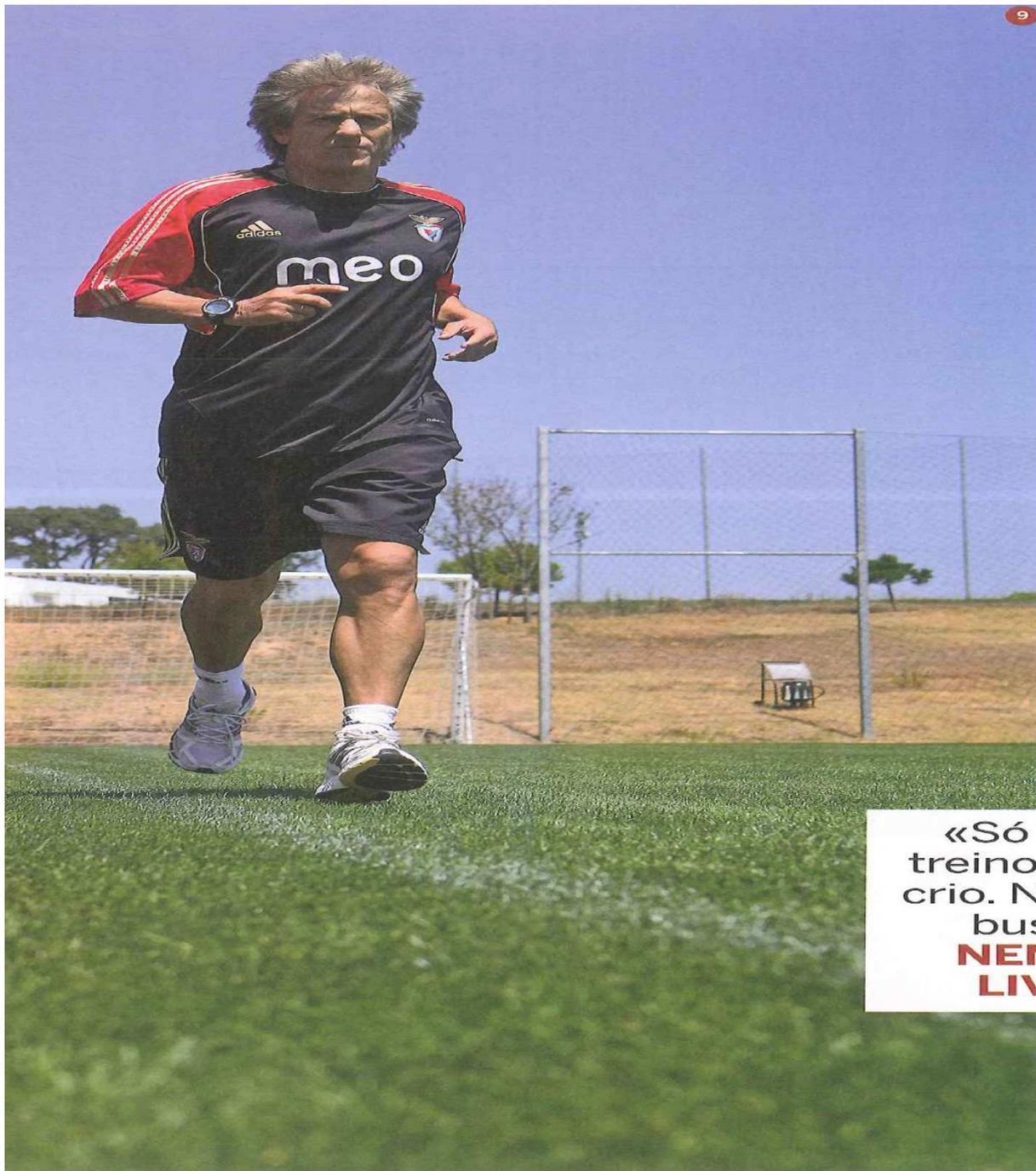
estar ampla, pincelada em tons de vermelho e decorada com sofás e televisores –, a espera por Jesus consome-se já em horário de almoço, da mesma forma que se consumiu em horário matinal.

Como passou o tempo? Na observação distraída do plantel do Benfica, em procissão para o pequeno-almoço no refeitório, numa vista de olhos pelo equipamento no balneário – ambos à distância de um lance de escadas –, e, ao início da tarde, em romaria para a saída. Já não no passo molengão matutino – agora substituído pela corrida, entre gestos e gritos de orientação no relvado.

«A partir daqui é diferente: Saviola, Enzo [Pérez] e Nolito vocês os três jogam para as duas equipas/ Atenção aí Franco [Jara]/ Boa, Pablo [Aimar]/ Isso, Axel [Witsel]».

A profusão de coordenadas de Jesus, lançadas em campo de modo personalizado →





«O meu pai não
faltou **UM DIA**
AO TRABALHO
em 40 anos de
serviço»

e muitas vezes aparentemente descontraído, concretiza a preparação do plantel que cerca de duas horas e meia antes marca a equipa técnica ocupada.

A programação do treino

Entre a análise dos relatórios sobre o quadro clínico dos jogadores, traçada pelos responsáveis do departamento médico do clube pelo menos uma vez por dia, e a troca de ideias entre os treinadores principais e adjuntos, o trabalho arranca cerca de hora e meia antes da chegada dos futebolistas ao Centro de Estágio.

Com um calendário de provas afixado atrás da sua secretária, onde afina o plano de treino e monta estratégias de competição, e com um rectângulo de jogo branco pregado no centro de uma das paredes, Jesus tem no seu gabinete uma espécie de anfiteatro desportivo.

Deste espaço – onde apenas o calendário e o rectângulo confirmam ligações ao futebol – saem as tais criações que, segundo o técnico da Luz, aproximam o treinador a um pintor.

«Ao longo da minha carreira só dei os treinos que eu próprio criei. Não os fui buscar a nenhum livro. Inspiro-me na ideia que te

enho para a equipa».

O exercício criativo, tantas vezes estimulado com leituras de preceitos de outras modalidades desportivas – «Não gosto de ler sobre futebol. Prefiro os livros de voleibol, de andebol ou de basquetebol» – estrutura-se em seis eixos: a construção, a preparação, a decisão, a defesa, a recuperação e a pressão.

«Só dou os
treinos que eu
crio. Não os fui
buscar a
NENHUM
LIVRO»



9 e 10. O treinador fica 30 minutos a correr no relvado depois de o treino acabar

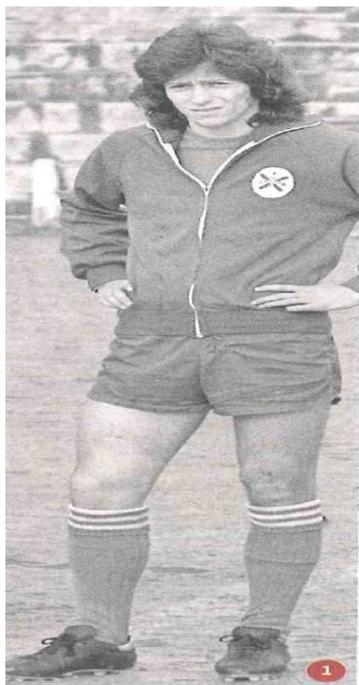
Cada um a apontar para uma zona específica do campo e todos ordeiramente alinhados sobre aquele rectângulo de jogo fixado na parede, os seis pilares parecem sustentar todas as tácticas possíveis para um 11 aqui ensaiadas através da disposição de peças móveis no lugar de jogadores.

Já com os atletas de carne e osso, a conversa tem de ser outra. «A relação treinador-jogador exige também conhecer lado familiar e pessoal. Mas, para mim ser humano e compreensivo não é só fazer o que se gosta, nem deixar fazer o que o jogador gosta».

Na busca do equilíbrio entre essas vontades, o técnico reconhece alguns embates «Aqui às vezes choca-se» – mas afasta o rótulo de treinador intransigente. «Desde que não colida com os interesses da equipa, e tou sempre aberto a todas as situações. Se colidir, aí não há ninguém que me possa virar na minha ideia. Sou muito frontal, muito convicto da minha qualidade e normalmente tenho poucas dúvidas daquilo que faço». Por cada nova certeza, demonstrada na intensidade das sessões de treino, Jorge Jesus grita, gesticula e corre. 

paula.cardoso@sol.com

«Vivi sozinho
DESDE OS 17 ANOS,
saltitando de
um lado para o
outro»



'NÃO TENHO MEDO DE CONFRONTOS'

Tomou de assalto o treino e, de arma apontada para Jorge Jesus, o homem disparou a ameaça. «Ó mouro, tu põe-te daqui para fora ou dou-te um tiro». Sob a mira da pistola, o então técnico do Felgueiras enfrentou o agressor; não abandonou a equipa northenha, nem acabou baleado.

Hoje, mais de 10 anos e oito clubes vividos desde o episódio, reconstituído ao SOL como parte de um longo historial de tensões futebolísticas, o treinador assume sem reservas uma já velha atracção pelo conflito.

«Isso vem da minha infância», conta Jesus, recuando ao passado de brincadeiras na sua Amadora natal. «Antigamente andávamos muito na rua, não era como os miúdos de hoje, que estão mais em casa. Por isso habituei-me ao confronto do dia-a-dia, a lutar pelo meu espaço sem ter medo de impor as minhas ideias».

O carácter destemido do segundo de três filhos de Maria Elisa e Virgolino, a florado desde os primeiros anos de vida, viria a consolidar-se durante a juventude, à boleia de uns desafios de futebol.

«Eu era, como se costuma dizer, o número da bola: eu é que tinha a bola, eu é que decidia quem é que jogava, como é que se jogava e onde».

Resistir a todas as tentações

A 'estampa de treinador' de Jesus – para usar a mesma descrição que, anos mais tar-

de, levaria o ex-presidente do Amora a apostar na sua estreia num comando técnico – começava já a evidenciar-se. Mas, nesses tempos de adolescência, ainda era o sonho de uma carreira nos relvados que animava os dias do miúdo Jorge.

Em nome desse sonho afastou-se de todas as tentações 'anti-desportivas', mantendo a distância do tabaco e das bebidas alcoólicas.

«Nunca bebi nem fumei. Nunca cheguei sequer a provar um uísque. Aliás, não faço ideia a que é que sabe».

Desde cedo comprometido com hábitos de vida saudáveis, que sempre identificou como chave da sua progressão no futebol, o hoje treinador do SL Benfica admite outros radicalismos. «Também deixei de comer gelados porque um médico disse-me que não podia».

Apesar de a restrição clínica ter expirado há décadas, Jesus achou melhor não voltar a arriscar: «Está a ver como sou? Disseram-me aquilo dos gelados e nunca mais lhes toquei».

Jorge Jesus tinha 14 anos, vivia empenhado em aperfeiçoar os toques de bola, quando, de súbito, viu o seu futuro hipotecado à conta de uma inflamação na pleura (sistema respiratório).

«Na altura treinava no Estrela da Amadora e costumava equipar-me numa zorra de frente para uma porta de entrada». D massiado exposto às correntes de ar, o então adolescente recebeu esse diagnóstico com uma sentença de morte.

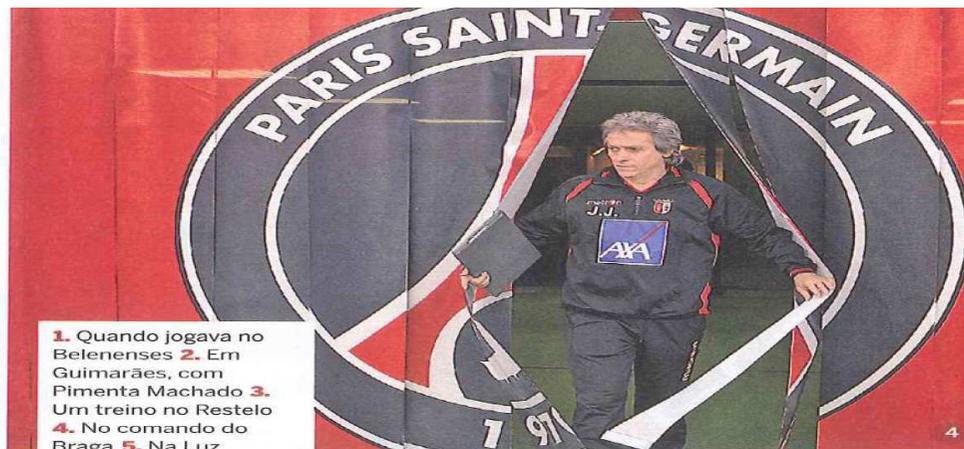
«Era miúdo e não sabia muito bem o que estava a acontecer, mas lembro-me de ver minha mãe chorar. Ela estava numa aflição que achei que aquilo era muito grave. Mas tive a sorte de ser bem acompanhado pelos médicos».

O pesadelo, recorda Jesus, só acabou ao fim de seis meses, com o regresso ao rectângulo de jogo. Mas as reservas médicas da época acompanharam-no até hoje.

Além do boicote aos gelados, Jesus foi proibido de abusar da exposição solar, restrição que, agora, neste desfiar de memórias ao SOL, ajuda a arrumar as ideias sobre o seu distanciamento de espreguiçares na areia.

«Gosto de estar na praia, gosto do ambiente, adoro o cheiro do mar, e acho que por isso vim viver para perto dele» [Chaneira da Caparica], diz o treinador, sem deprezar a importância das origens. «Venho de uma família ligada ao mar, o meu pai de Setúbal, os meus tios eram pescadores».

«Deixei de comer gelados por causa DE UMA PLEURESIA aos 14 anos»



1. Quando jogava no Belenenses 2. Em Guimarães, com Pimenta Machado 3. Um treino no Restelo 4. No comando do Braga 5. Na Luz

Talvez seja por isso que só como peixe».

Apesar dos sinais atenuantes, Jorge Jesus reafirma a resistência à praia e embora reconheça que a sua pele também contribui para esse afastamento – «Apanho sol e pareço uma lagosta» – o técnico não enjeita as explicações mais remotas.

«Se calhar também vem daí, dessa história da infecção, porque sempre excluí tudo o que me afastasse dos meus objectivos profissionais».

Firme no único caminho que traçou para o seu destino – o desportivo – Jesus revela que sempre teve no pai uma das maiores referências de carreira.

«Nunca o vi beber, nunca o vi fumar e não me lembro de o ver faltar um único dia ao trabalho em 40 anos de serviço na Celcab [empresa de cabos eléctricos onde trabalhava como soldador].

Nunca viu o pai jogar

O hoje treinador também não teve a oportunidade de ver o pai em campo – Virgolino foi jogador do Sporting na era dos cinco violinos – mas vale-se das fotografias da época e das descrições de amigos e familiares para reconstituir as memórias das jogadas paternas, à medida que ele próprio constrói o seu baú de lembranças.

Recém-chegado aos 57 anos, assinalados no último domingo, dia 24, Jorge Jesus estreou-se cedo na independência: «Desde os 17 anos que vivia sozinho e isso permitiu-me saltitar de um lado para o outro».

De um lado para o outro, de Norte a Sul do

país, o ex-futebolista transporta no currículo passagens por clubes de paragens tão distantes quanto Famalicão (Riopele), Covilhã (Benfica da Covilhã), Évora (Juventude de Évora) e Faro (Farense).

Os meus três filhos fizeram desporto

Foi contudo na Lisboa de origem, nos tempos do Sporting, quando gozava os 20 e poucos anos, que o treinador herdou a alcunha de ‘Carinhas’ – ainda hoje operacional, porém reservada a um restrito círculo de intimidade.

É também por aqui, nesta roda de afectos, que se descobre a veia assiduamente sentimental

de Jorge Jesus: a família. Casado em segundas núpcias, o treinador tem três filhos maiores – Gonçalo, Tânia e Mauro – mas nenhum descendente com os pés no futebol.

«Não seguiram as minhas pisadas mas fiz força para que todos praticassem desportos de equipa porque acho que se aprende muito com isso», conta o já avô de dois netos, desde sempre apostado em partilhar com os filhos as virtudes que ele próprio conheceu no terreno.

A começar pela responsabilidade, a continuar na capacidade de partilha e a terminar no poder de decisão. «Hoje, quando tenho de me confrontar seja com quem for, não tenho problemas nenhuns em avançar». Aliás, conforme reza a história de Felgueiras, a determinação desportiva de Jorge Jesus prevalece até mesmo contra a lei da bala. 

paula.cardoso@sol.pt

